

Itinerância e Práticas Sociais: cidades da mineração em Mato Grosso

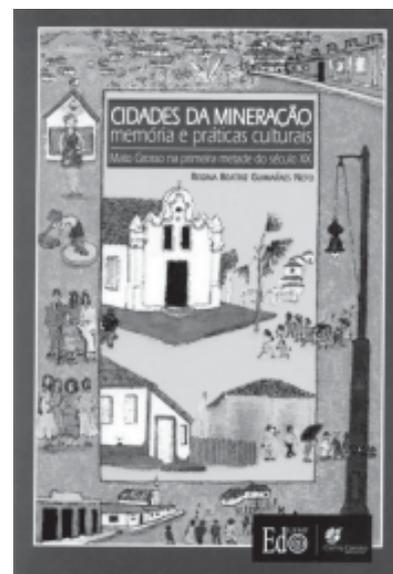
Gilson Backes¹

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Cidades da Mineração: memória e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do século XX. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato; EdUFMT, 2006.

A obra da historiadora Regina Beatriz Guimarães Neto propõem um estudo das cidades da mineração percebendo as práticas culturais ocorridas a partir do processo de organização e constituição de núcleos urbanos no estado de Mato Grosso na primeira metade do Século XX. A publicação é fruto de tese de doutorado defendida pela autora na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Publicou ainda, além de artigos e ensaios, *A lenda do ouro verde. Política de colonização no Brasil contemporâneo*. Cuiabá: UNICEN/Apoio UNESCO, 2002. Regina Beatriz vem se dedicando a pensar nos grupos de migrantes que se deslocam em busca de trabalho principalmente nas frentes de ocupação recente da Amazônia.

Em *Cidades da Mineração*, Regina Beatriz, acompanha por intermédio dos “relatos de memórias”, o estabelecimento das fazendas e, o aparecimento dos povoados, os quais vão avançando sobre os territórios indígenas. Nesse movimento a autora problematiza, grosso modo, a trajetória de homens e mulheres, entre os quais e, sobretudo, de uma população originária do Norte e Nordeste do país para os locais conhecidos como zona de mineração em Mato Grosso. Estes sujeitos configuram um “novo espaço”, principalmente com o levantamento das chamadas corrutelas² e cidades, objetivo central do estudo de Regina Beatriz, desenvolvendo, através das experiências sociais, práticas culturais de sobrevivência num território representado ainda como “sertão”.

Caracterizando as transformações do espaço através da ocupação de terras devolutas e a exploração das jazidas de diamantes, Regina Beatriz, apresenta o território mato-grossense sob os aspectos da memória. A autora, nesse sentido, lida com os fragmentos orais como textos que se caracterizam com várias interpretações. No emaranhado das lembranças com as quais a autora trabalha o universo das fazendas está ainda bem presente, como um espaço em que se processaram difíceis formas de sobrevivência. Assim, por tratar de um período que compreende as décadas de 1920 a 1940, um dos principais objetivos da autora é o de problematizar de que modo às fazendas são representadas como sendo o “grande sertão”, lugar do “incivilizado” e da “violência” praticada, principalmente, pelos bandidos e jagunços, sujeitos que apareciam nas fazendas praticando os mais diversos crimes. Porém, as narrativas ainda desvendam esses lugares como constituintes de modos de viver, e, ao mesmo tempo, de “práticas de reprodução da vida familiar, inscritas nos trabalhos domésticos, ligadas à produção de subsistência, seja no interior das casas, nos espaços das roças, ou ainda nos cuidados com os animais” (p.65).



¹ Mestrando em História – Linha de Pesquisa Práticas Culturais e Identidades - pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste. E-mail: gilsonb@mjrnet.com.br

² Caracterizam-se como as primeiras habitações que vão surgindo no chamado “sertão” desencadeando as modificações do espaço com a expulsão dos povos indígenas e o predomínio de outro universo social a partir da exploração das áreas de mineração.

Resenhas

Conforme Regina Beatriz, o aparecimento de povoações ocorre a partir do avanço das explorações mineradoras, e as fazendas, nesse processo, tornam-se cada vez mais lugares de passagens de grupos sociais que se deslocaram, entre eles os reconhecidos como “nortistas”, para as áreas consideradas zonas de mineração. A representação desse processo migratório é criticada pela autora tendo em vista o modo como aparece em grande parte da historiografia de Mato Grosso. O tratamento concedido por essa historiografia, aponta, conforme a autora, essa migração como algo natural e ao migrante é concedida a representação de “pobre”, “caminhante”. Além do mais, como diz a autora: “o que encontramos comumente nas narrativas historiográficas é a representação simbólica de um ‘nordestino’ resoluto e destemido – heróico – do qual todos falam, mas não se têm registros de suas memórias” (p. 101). Para essa historiografia o surgimento dos garimpos, a partir desse processo migratório, é que vai desbravando naturalmente os sertões, estabelecendo o progresso a um território despojado e representado como incivilizado.

Nas duas últimas partes do livro Regina Beatriz dialoga ainda com as narrativas orais, mas concede um maior respaldo à imprensa local (jornais e revistas) e atem-se ao estudo da cidade (Guiratinga - antiga Lageado) como “centro social organizador e articulador da vida cultural” (p. 27). E, é a partir dessa cidade que a autora estuda as áreas de mineração em Mato Grosso. Destaca os espaços dicotômicos: a cidade enquanto lugar do “progresso” e da “civilidade” e os garimpos como o lugar desregrado de bandidos, violência e prostituição. Conforme a autora, o espaço da cidade passa a ser o centro aglutinador de forças “socioeconômicas e culturais” (p.147). A cidade surge como um espaço em que ocorre a transitoriedade de diferentes grupos sociais. É o lugar por onde se cruzam as “trajetórias de homens e mulheres” (p. 147), os quais caracterizam-se pela mobilidade em todos os espaços das zonas mineradoras (garimpos e cidade).

Embora em todo o livro a autora problematize as experiências das pessoas nos espaços sociais onde tentaram se “acomodar”, principalmente destacando a longa trajetória de muitos migrantes que foram em busca das zonas de mineração, na última parte do livro ela enfatiza a cidade enquanto propagadora de diferentes modos de vida. Regina Beatriz procurou compreender, grosso modo, as práticas culturais cidadinas – o Colégio Salesiano concentrando a vida educacional e cultural com práticas religiosas, de leituras, comportamentos e o aprendizado de línguas estrangeiras - que desencadearam mudanças estruturais no espaço o qual, aparentemente, aparece com características de ser civilizado. O perfil da cidade desenhado a partir das narrativas com as quais a autora trabalhou e, outras fontes como os jornais, principalmente o *Novo Mundo*³, caracteriza-se como um espaço planejado, de progresso, com determinados elementos influenciando e transformando comportamentos. Segundo a autora, o rádio, o cinema e a energia elétrica surgem como inovações nas pequenas cidades das zonas de mineração. Ou seja, são esses elementos que caracterizam diferentes modos de vida e, assim, desencadeiam, segundo a autora, o chamado “progresso” do território até então representado como “sertão”. Contudo, essa problematização desenvolvida pela autora configura-se numa história elitista da cidade, pois, ao que tudo indica, somente os mais abastados teriam o privilégio de desfrutar desses elementos inovadores, os quais são propagadores de diferentes comportamentos cidadinos. Ai delinea-se, segundo a autora, o discurso do progresso. A cidade organiza-se a partir do momento em que determinados grupos são postos em seus devidos lugares (índios, prostitutas). E os garimpeiros? Estes também são excluídos do espaço da cidade, uma vez que a cidade é apresentada e representada como lugar civilizado. Um espaço que não é digno dos garimpeiros. Contudo, a representação dos mesmos é reconhecida pelo “*sinônimo de atraso – homem rude, supersticioso, violento, perigoso, enfim, inadaptável*” (p. 141).

³ Jornal fundado em Guiratinga – ex-Lageado na década de 1940, que se correspondia com as principais cidades do Brasil e com vários países da América Latina.

Num plano mais geral, Regina Beatriz, desencadeia um estudo a partir de sua própria experiência com o lugar. Ouvindo histórias das fazendas e das áreas de mineração, bem como dos cenários descritos por seu pai sobre a cidade, a autora buscou retomar os estudos sobre os primeiros povoados mineradores de Mato Grosso. Prontifica-se a se desprender do *continuum* historiográfico dialogando com a diversidade e multiplicidade de fontes históricas levantadas. Entrecruzando os itinerários possíveis com o vasto levantamento de fontes, que a autora chama de *corpus* documental, e compreendendo a multiplicidade de significados sobre a cidade, ela salienta que “*trata, dessa forma, de trilhar outros caminhos e poder se debruçar sobre as janelas das pequenas cidades, conhecer um pouco de sua vida – trechos fragmentários -, esmiuçando práticas, maneiras de viver e de pensar de seus habitantes*” (p. 21). Alcançar esta proposta somente tornou-se possível com a atenção que a autora voltou para os relatos orais e o que as pessoas diziam “*guardar na memória*” revelando um outro tempo presente na história da cidade, um tempo que passa, agora no presente, a ser ressignificado.

O estudo de movimentos migratórios com a ocupação de outros territórios esteve em voga no século XX e continua no século XXI. Entretanto, para dar crédito ao trabalho, a autora dialoga com autores de outros tempos como Aristóteles e Shakespeare, por exemplo, quando poderia dialogar com autores contemporâneos e que problematizem as mesmas temáticas. Mesmo assim, obtém sucesso em entrecruzar autores de outros tempos com as fontes levantadas. Mas, questiona-se a falta de um maior diálogo com a própria historiografia sobre Mato Grosso, pois a autora propõe um rompimento com uma historiografia dita oficial indicando bibliografias a respeito, no entanto, nota-se a ausência de um questionamento mais profundo e problematização dessa historiografia. Esse aspecto entende-se, caracteriza o trabalho de Regina Beatriz como um modo diferente da escrita histórica sobre os “sertões” de Mato Grosso.

A autora questiona a falta de documentação, principalmente “*nessas pequenas cidades da mineração*” (p. 24), mas consegue debruçar-se sobre um vasto conjunto de fontes. Isso somente foi possível, segundo a autora, pela possibilidade em consultar acervos particulares. Entremeando as fontes, Regina Beatriz utilizou revistas, jornais, consultou arquivos e bibliotecas, uma vasta bibliografia e ainda os álbuns de família que se tornaram valiosas fontes de análises, principalmente para a compreensão de determinadas práticas culturais como casamentos, momentos de lazer, recreações e trabalho, além dos mapas, os quais trazem “*os traçados dos caminhos percorridos pelos grupos de homens e mulheres que se deslocaram em direção aos pontos de concentração das áreas de mineração e dos povoados mais importantes*” (p. 25). Por fim, ressalta-se o trabalho da memória com as fontes orais. A compreensão do processo de transformações ocorridas no território mato-grossense a partir da atuação de diferentes grupos ficaria incompleto sem a utilização desse recurso, muito rico para a compreensão das memórias. As fontes orais, coletadas em diferentes períodos e, também, com membros da própria família da autora, possibilitaram lançar um outro olhar para a compreensão da *paisagem* social que se desenhou a partir da exploração das áreas mineradoras.

O trabalho com a memória pode-se dizer é um acontecimento raro. Através das histórias relatadas apreendem-se as vivências dos sujeitos (estranhamentos, conflitos, inquietações, incertezas, anseios). É, antes de tudo, uma recordação que perpassa os tempos. É a compreensão do passado no presente. Dessa feita, a autora lidou com as memórias utilizado-as como texto “*onde se inscrevem desejos, reproduzem-se modelos, apreendem-se fugas*” (p. 47). Nos relatos com os quais a autora trabalhou por intermédio de “*uma linguagem cotidiana, simples*” (p. 23), apreende-se as

Resenhas

experiências sociais dos personagens que vivenciaram o processo de transformações do lugar e deles próprios. No entanto, os relatos orais, muitos deles longos, são apresentados na obra como *textos* sem que haja questionamentos da autora em relação aos mesmos. Os relatos trazem, por vezes, dimensões sociais carregadas de significados, mas, grosso modo, há um diálogo da autora com os mesmos. Muitos relatos “trabalham” por si só, pois eles mesmos a partir de uma escrita simples que se acredita reformulada com a análise da pesquisa são passíveis de serem interpretados pelo leitor. Cabe aqui ainda o questionamento do sujeito na história, em grande medida, principalmente nos dois últimos capítulos a cidade aparece como sujeito, pouco se nota de uma cidade garimpo, pois as práticas são constituídas de “mão única” sem a participação do trabalhador ou do sujeito que faz parte do espaço dos garimpos. Contudo, de grande astúcia, caracteriza-se o eixo central que perpassa toda obra de Regina Beatriz de desfazer a representação da cidade da mineração como lugar do “atraso” e da “incivilidade”. Isso demonstra a grande contribuição da obra para a historiografia brasileira, de pensar que as pequenas cidades, mesmo as dos mais remotos “sertões”, são riquíssimos espaços de problematização das práticas culturais, as quais são fruto da itinerância e do encontro entre vários grupos.